

EDITAL N° 41/2023 - PRPPG
XXV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XVIII ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES PARA MULHERES
NEGRAS NO AMBIENTE PROFISSIONAL: UMA REVISÃO
INTEGRATIVA**

**Autor(es): Flávia Regino Oliveira¹ ; Eliany Nazaré Oliveira²; Eva Wilma Martins
Timbó³, Ana Beatriz dos Santos Costa⁴, João Walyson De Paula Cordeiro⁵**

¹ Enfermagem, CCS, UVA. E-mail: flavia.regino@hotmail.com; ² Docente, CCS, UVA.
E-mail: elianyy@hotmail.com; ³ Enfermeira, UNINTA, E-mail: evawilma_sq@hotmail.com

⁴ Enfermagem, CCS, UVA. E-mail: anabeatrizmasso@gmail.com;

⁵ Enfermagem, CCS, UVA. E-mail: joawalysondepaula@gmail.com

Resumo: Introdução: Atualmente, é evidente o avanço das mulheres no cenário profissional, contudo, é perceptível que as mulheres negras enfrentam maiores obstáculos e desigualdades no ambiente de trabalho. **Objetivo:** analisar o que se tem na literatura científica acerca desse tema. **Metodologia:** É um estudo de revisão, realizado em junho de 2023. **Termos de busca:** ("Women, Working" OR "Professional Women" OR "Women's Work") AND ("Black" OR "Black People") AND ("Employment" OR "Job Market" OR "Work"). O processo de seleção e elegibilidade dos estudos foi conforme o PRISMA (Figura 01). **Resultados:** Na busca, foram recuperadas 88 publicações, porém somente 10 foram incluídas na amostra final desta revisão. **Discussões:** É notório que existe desigualdade com as mulheres negras no meio empregatício. **Conclusões:** Dessa forma, fica evidente que mais estudos acerca desse tema sejam realizados para que assim haja uma reflexão sobre o impacto que essa discriminação e racismo causa na vida delas.

Palavras-chave: População Negra, Mulheres, Mercado de Trabalho

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

Hoje em dia, é bem mais comum vermos mulheres obtendo sucesso no âmbito profissional, porém, sabe-se que o preconceito com as mulheres ainda é bastante recorrente. As mulheres no Brasil continuam a enfrentar desafios sexistas decorrentes da formação histórica da sociedade. Para aquelas que também são negras, a realidade é agravada pelos impactos do racismo e das disparidades de classe no ambiente profissional (Ferreira e Nunes, 2019).

Conforme mencionado por Davis (2016), nos Estados Unidos, as mulheres negras, em comparação com as mulheres brancas, historicamente desempenharam funções predominantemente fora de casa. Dessa forma, a mulher negra sempre esteve em um lado ridicularizado do mercado de trabalho, pois desde a escravidão que ela é vista como alguém que deve ter trabalhos precários, servindo os outros, os donos da fazenda, as pessoas brancas, por isso até os dias atuais é comum vermos as mulheres negras trabalhando como empregadas domésticas (Freitas et al, 2022).

A questão do racismo é histórica, vem junto com o nascimento da sociedade e é presente até hoje, assim como as questões do sexismo. No contexto do sistema escravista, as mulheres negras desempenhavam uma função de trabalho em tempo integral para seus proprietários. Nessas circunstâncias, as escravas eram tratadas de acordo com a conveniência do momento pelo dono: quando lucrativas, eram exploradas de maneira

análoga aos homens, desconsiderando assim a dimensão de gênero. Em outros cenários, as mulheres negras eram submetidas à exploração, punição e repressão, sujeitas às normas impostas pela condição feminina (Davis, 2016).

Assim fica evidente que além do racismo, as mulheres sofreram e ainda sofrem com abusos sexuais, físicos e psicológicos só pelo simples fato de serem mulheres, e pela questão histórica de que as mulheres são submissas aos homens. Além de tudo isso, ainda existe a discrepância da diferença salarial, o autor Bento, 1995, já relatava sobre isso, ele ressaltou que no Brasil as mulheres negras enfrentam disparidades salariais, concentrando-se em ocupações específicas que muitas vezes oferecem salários mais baixos e condições de trabalho precárias.

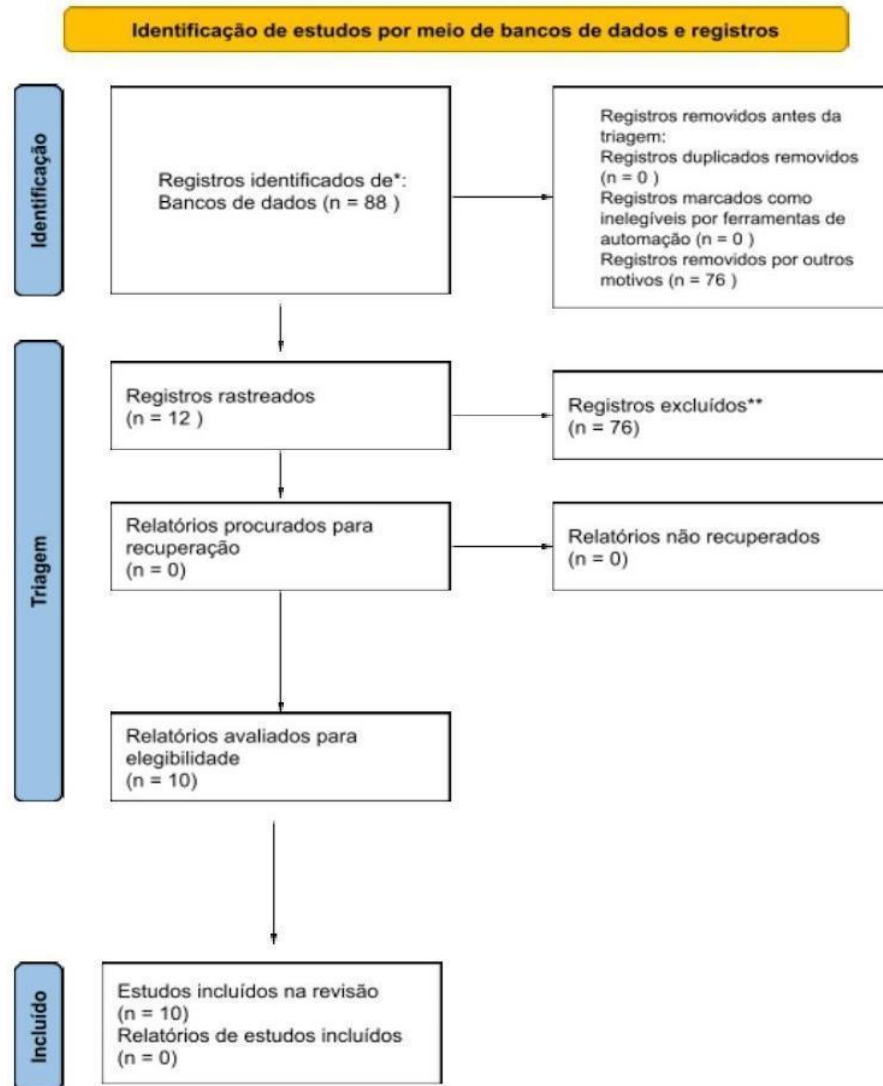
Dessa maneira, é notório que as mulheres negras estão mais vulneráveis no mercado de trabalho, e em todas as partes do processo empregatício, desde a oportunidade do emprego, a seleção e a contratação (Ferreira e Nunes, 2019). Desse modo, este trabalho tem como objetivo analisar e refletir sobre o que se tem de produção científica acerca deste tema.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa, na qual a busca foi realizada nas seguintes bases de dados: PubMed e LILACS via BVS. A pergunta norteadora foi: “Quais as evidências científicas sobre mulheres negras e o mercado de trabalho?”. Para a elaboração dessa questão foi utilizado a estratégia de PICO (População, Interesse e Contexto), em que P retrata a população (mulheres), I o interesse (população negra) e o Co o contexto na qual o estudo irá ocorrer (mercado de trabalho). A estratégia de busca foi a seguinte: ("Women, Working" OR "Professional Women" OR "Women's Work") AND ("Black" OR "Black People") AND ("Employment" OR "Job Market" OR "Work"). O processo de seleção e elegibilidade dos estudos foi conforme as recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA). A inclusão dos artigos ocorreu pelos seguintes critérios: estudos completos disponíveis na íntegra sem qualquer restrição de idioma. Não havendo recorte temporal para uma maior exploração dos artigos encontrados. Empregou-se como critérios de exclusão: monografias, revisões de literatura, artigos duplicados e que não possuíssem relação com a questão norteadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca, foi recuperado um quantitativo de 88 publicações, das quais 76 foram excluídas por não atenderem os critérios de inclusão. Desse modo, foram pré-selecionados 12 artigos para a leitura na íntegra, e após essa etapa, os 10 foram incluídos na amostra final desta revisão, como mostra a figura .



Fonte: PRISMA, 2020.

Figura I. Fluxograma da busca e seleção de artigos de acordo com as recomendações do PRISMA.

Dos 10 estudos, 4 deles trazem a comparação da mulher negra para a mulher branca no mercado de trabalho, 2 estudos tratam sobre estresse e enfrentamento, risco de mortalidade, e em relação ao bem-estar psicossocial delas, somente 1 estudo aborda sobre isso, 1 fala sobre declínio salarial, 1 sobre a condição das mulheres afrodescendentes e o outro sobre trabalho e cultura.

A maioria dos estudos que restaram para a revisão final deste trabalho abordaram como assunto central a análise da diferença das mulheres negras para as brancas no mercado de trabalho, sendo 4 deles. Vale destacar que no Brasil, a trajetória histórica da colonização desempenhou um papel significativo na criação de estruturas sociais que perpetuam as disparidades existentes, consolidando o status privilegiado da elite branca (Freitas, et al, 2002).

Freitas et al, 2002, ressalta ainda que o motivo de existir essa diferença de tratamento das mulheres brancas e as negras, além de ter todo um fator histórico de colonização e escravidão envolvidos diretamente nisso, tem também a questão da educação, que também é um fator que acaba por excluir as mulheres negras, pois elas, justamente por conta do fator histórico tem um rendimento escolar prejudicado e assim o desenvolvimento acadêmico é afetado e isso faz com essas mulheres tenham menos oportunidades.

Ainda nesse contexto, um estudo realizado pelo Censo da Educação Superior em 2019, mostrou que 31,1% das matrículas de graduação em 2019 foram realizadas por pessoas pardas, e 7,1% por pessoas negras. No entanto, observa-se na sociedade contemporânea uma percepção difundida de que as ocupações predominantemente intelectuais são destinadas principalmente a indivíduos de ascendência branca (Brasil, 2019).

Dando continuidade, 2 dos estudos escolhidos para revisão final, tratam sobre o estresse e enfrentamento, risco de mortalidade das mulheres negras no mercado de trabalho. A presença de enfermidades no ambiente de trabalho pode ser impactada por elementos socioeconômicos, características individuais e hábitos relacionados à vida profissional. Entre esses elementos, merecem destaque as variáveis de gênero e raça (Campos et al, 2020).

Essas características podem contribuir para a configuração de desigualdades nas condições e natureza do trabalho, as quais, por sua vez, têm o potencial de gerar ou intensificar uma variedade de problemas de saúde, abrangendo tanto a esfera física quanto a mental, incluindo transtornos mentais, isso mostra que as mulheres negras têm uma vulnerabilidade maior para o desencadeamento de estresse por conta que no trabalho estão sujeitas além do racismo, aos assédios sexuais, e isso é um fator de maior probabilidade de adoecimento mental, podendo levar ao risco de morte por suicídio (Campos et al, 2020).

Assim, os outros 4 estudos presentes nessa revisão abordam temas distintos. Então, 1 obra faz relação com o bem estar psicossocial dessas mulheres, como já foi dito por Campos et al, 2020, essas mulheres estão mais suscetíveis a desenvolverem transtornos psicológicos pois a trajetória delas para entrarem no mercado é mais complicada, desde a oportunidade de emprego, a entrevista e a contratação e depois da contratação muitas delas passam a sofrer racismo e assédio sexual, e isso deixa a saúde mental e bem estar delas abalado.

Outra obra classificada para essa revisão trata sobre declínio salarial, sabe-se a mulher mesmo hoje tendo uma ascensão no mercado de trabalho ainda enfrenta diferenças salariais em comparação aos homens que exercem o mesmo cargo e função. Um estudo realizado por Cavalieri e Fernandes, 1998, mostra que, em média, indivíduos de cor preta ganham menos que os de cor branca e que mulheres ganham menos que homens. Em outro estudo realizado pela Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) em 2011 mostra que essa diferença salarial ainda é muito presente, mostra que o rendimento médio mensal dos indivíduos do sexo masculino (R\$ 1129) ainda é muito maior que o das mulheres (R\$ 650) (Mariano et al, 2018).

O outro estudo retrata sobre as condições das mulheres afrodescendentes. Por conta da escravidão as pessoas negras sempre tiveram uma vulnerabilidade maior em relação a sua vida, com as mulheres não seria diferente, com isso a questão da desigualdade sempre esteve presente na vida delas em todos os âmbitos, seja na escola, na universidade, no trabalho e até nas relações sociais, isso é mais um fator que desencadeia para a grande diferença entre as mulheres brancas e negras no mercado de trabalho (Marcones et al, 2013).

O último estudo trata sobre a questão cultural e o trabalho, dessa forma, vale ressaltar como toda a questão histórica está diretamente ligada, pois as mulheres negras sofrem uma dupla exclusão, que é pelo fato do racismo e do sexismo e isso cria uma notável disparidade

dentro do cenário profissional, que desempenha um papel crucial na sociedade estratificada, determinando as posições sociais, especialmente quando contrastadas com os homens brancos (Freitas et al, 2022).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, foi mostrado que poucas são as publicações em relação a esta temática são muito poucas, pois nesse estudo foram recuperados um quantitativo de 88 publicações, das quais 76 foram excluídas por não atenderem os critérios de inclusão. Desse modo, foram pré-selecionados 12 artigos para a leitura na íntegra, e após essa etapa, os 10 foram incluídos na amostra final desta revisão. Então fica evidente que a discriminação racial no âmbito empregatício ainda é recorrente, é necessário que mais estudos acerca desse tema sejam realizados e que esteja sempre em atualização para que todos possam ter conhecimento das dificuldades que as mulheres negras enfrentam no mundo do trabalho e assim possam refletir o impacto que essa discriminação e racismo causa na vida delas. Vale ressaltar que nenhuma obra é nacional, com isso revela a limitação de publicações sobre esse tema no Brasil, um tema que é bastante importante ser discutido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e ao Programa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica – BPI/FUNCAP pelo incentivo através da Bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

- BENTO, M. A. S. A mulher negra no mercado de trabalho. *Estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 479-488, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2019*. Brasília - DF: Inep/MEC, 2021. Disponível em: <<https://inep.gov.br>>.
- CAVALIERI, C. H.; FERNANDES, R. Diferenciais de salários por gênero e cor: uma comparação entre as regiões metropolitanas brasileiras. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 18, n. 1, p. 162–180, jan. 1998.
- CAMPOS, F. M. et al. Estresse ocupacional e saúde mental no trabalho em saúde: desigualdades de gênero e raça. *Cadernos Saúde Coletiva*, v. 28, n. 4, p. 579–589, out. 2020.
- DAVIS, Angela. O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher. In: DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça, Classe* (1 ed). São Paulo: Boitempo, 2016.
- FERREIRA, Cláudia Aparecida Avelar; NUNES, S. Mulheres negras no mercado de trabalho: interseccionalidade entre gênero, raça e classe social. In: XLIII ENCONTRO DA ANPAD, 2019.
- FREITAS, G. et al. Inserção da mulher negra no mundo do trabalho: uma revisão de literatura. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 9, n. 26, p. 47–63, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.5933302. Disponível em: <<https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/558>>.



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

MARIANO, F. Z. et al. Diferenciais de Rendimentos entre Raças e Gêneros, nas Regiões Metropolitanas, por Níveis Ocupacionais: uma análise através do pareamento de Nopo. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, v. 48, n. 1, p. 137–173, jan. 2018.

MARCONDES, M. M. O. et al. *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*, 2013.

OLIVEIRA ARAÚJO, Wánderon Cássio. Recuperação da informação em saúde: construção, modelos e estratégias. *ConCI: Convergências em Ciência da Informação*, Aracaju, v. 3, n. 2, p. 100–134, 2020. DOI: 10.33467/conci.v3i2.13447. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/13447>>.

PAGE, M. J. et al. A declaração PRISMA 2020: uma diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. *BMJ*, v. 372, n71, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>.